Michel Alcoforado

Coisa de rico

A vida dos endinheirados brasileiros

todavia

Parte I: Nada faz sentido

1. Destino **15**
2. Estranhamento **19**
3. O enredo **25**
4. A batalha **34**
5. A diferença **39**

Parte II: Em cima do muro

6. A pergunta maldita **47**
7. A tentativa **57**
8. Testes de reconhecimento **63**
9. Ocupados **65**
10. Jogo de cena **73**
11. Disputas **80**
12. Entre **86**
13. A especialista **91**
14. Estuda, garoto **93**
15. O antropólogo do luxo **95**

Parte III: As coisas de rico

16. Nem tudo que se vê, é **103**
17. Ilusão de ótica **112**
18. Miragem **116**
19. A negação **118**
20. Não me amarra a dinheiro, não **123**
21. Engrenagens **132**

Parte IV: A rinha

22. Medo **141**
23. Finos **151**
24. Rinha de rico **156**
25. Tempo rei **162**
26. Ponto de virada (o tempo dos emergentes) **165**
27. Desde sempre (o tempo dos tradicionais) **179**

Parte V: Ricos de verdade

28. O advogado **199**
29. O risco **202**
30. O litígio **207**
31. O veredito **212**
32. Risca no chão **217**

Epílogo **219**

Notas **221**
Referências bibliográficas **227**

I

Nada faz sentido

I.
Destino

Nenhum. Nenhum economista, desses de barba rala, calça bege e camisa azul, desatinado a usar termos técnicos, seria capaz de descrever a euforia vivida pela sociedade brasileira daquele tempo. Nenhum historiador, com bonezinho de movimento social, enfurnado nos arquivos da Biblioteca Nacional, conseguiria explicar o desespero dos brasileiros por quinquilharias de luxo nos outlets americanos. Nenhum sociólogo agarrado a gráficos, tabelas e teorias sobre a dominação de classe teria estofo para compreender o apego dos compatriotas pelas coisas de rico.

Certos fatos só são críveis a olho nu. Eu vi de perto.

Em janeiro de 2010, eu vivia uma rotina insossa em Vancouver, na Costa Oeste do Canadá. Meus dias se resumiam a tediosas horas na biblioteca da Universidade da Colúmbia Britânica mergulhado nos livros, ou enfurnado em uma escala de três empregos capaz de engolir meu lazer, meu sono e minha verve em troca de um punhado de dólares.

De segunda a sexta-feira, às 5h30 da manhã, era possível encontrar Michel, o atendente, de frente a uma caixa registradora em um café na estação de trem, atento às centenas de pedidos de clientes com pressa. De quinta a sábado, às 12h30, assumia o vendedor, numa floricultura de bairro. Com o cair da noite, mais uma mudança de papel. Armado de luvas de

borracha amarela que iam até os cotovelos, óculos de proteção e um avental, eu encarava pratos, panelas e botijas imundas ao gosto de um chef mexicano.

Exausto, aproveitei o recesso da universidade, pedi férias aos patrões, juntei minhas economias e embarquei em um voo rumo ao sul para viver o sonho americano nem que fosse por uns dias.

Dei a sorte (ou o azar) de pousar no aeroporto de Miami no mesmo momento que um voo vindo do Brasil, lotado de alguns dos tipos mais esperados na cidade. A moça grávida, acompanhada da futura vovó, agarrada às revistinhas com cupons de desconto para as lojas do Aventura Mall. A família feliz em sua primeira excursão internacional para a Disney. O casal apaixonado, ansioso pela rotina de compras nos outlets da cidade. Enfim, muita gente doida para se jogar nos shoppings, restaurantes, hotéis temáticos e nas lojas com preços impossíveis de serem superados por qualquer lojinha brasileira.

A pressa era tanta que os turistas nem perdiam tempo lendo os pormenores do questionário da Imigração. Seguiam a recomendação dos blogueiros de viagem e ticavam a caixinha de respostas como se fossem experts.

"Não" para drogas.
"Não" para contato com terroristas.
"Não" para a intenção de ficar ilegalmente no país.
"Não." Não.

Enquanto os visitantes avançavam até um dos pontos de checagem da Imigração, dois brutamontes gozavam, perversamente, do medo que sentiam milhares de passageiros ao chegar a seus guichês. Cabia a eles a tarefa de comparar se o dito combinava com o visto.